



# COMO ERRADICAR OS DESERTOS ALIMENTARES NAS CIDADES?

Texto: Mónica Costa

ID: 115823881

01-01-2025

SUSTENTÁVEL

69



ID: 115823881

01-01-2025

Nos últimos anos, o conceito de ‘desertos alimentares’ tem ganho destaque no debate sobre a sustentabilidade urbana. Estes são locais onde o acesso a alimentos frescos e saudáveis obriga a utilizar o automóvel, geralmente devido à falta de mercados, hortas ou infraestruturas adequadas nas proximidades. Este é um fenómeno que afeta muitas zonas urbanas, particularmente nas periferias das grandes cidades, tornando a luta contra os desertos alimentares num desafio urgente para os urbanistas e as comunidades.

Os desertos alimentares são uma realidade crescente nas áreas urbanas, especialmente nas periferias das grandes cidades, onde o acesso a alimentos frescos e saudáveis se torna cada vez mais difícil. Este fenómeno surge principalmente em áreas de urbanização de grande escala, frequentemente construídas nos anos 90 e início dos anos 2000, e onde os bairros foram desenhados de forma dependente do automóvel. A escassez de mercados e estabelecimentos que ofereçam produtos frescos nas proximidades obriga os residentes a percorrer grandes distâncias para se abastecerem, o que agrava ainda mais a situação.

Em resposta a este problema, Teresa Marat-Mendes, professora e investigadora integrada do DINAMIA/CET-ISCTE, lidera uma iniciativa internacional destinada a estudar e resolver os desertos alimentares nas zonas urbanas. O HAT, acrónimo de “*Hyping Agriculture and Transit Mobility*”, é um projeto focado na produção alimentar local, na redução da dependência do automóvel e na promoção da sustentabilidade urbana. O projeto envolve parceiros de países como Suécia, Estónia e Canadá, tem uma duração de três anos (começou dia 1 de fevereiro e termina em 2028) e no seu decorrer, os investigadores vão procurar explorar soluções inovadoras para a integração da produção alimentar nas cidades, evitando a necessidade de grandes deslocamentos para a aquisição de alimentos. Ou seja, o HAT pretende transformar áreas urbanas em espaços de proximidade, onde os residentes possam aceder facilmente a alimentos frescos, sem recorrer ao automóvel e participar ativamente na produção local.

É o culminar das várias iniciativas em que Teresa Marat-Mendes esteve envolvida e que exploraram o impacto do planeamento urbano na qualidade de vida nas cidades. Um desses projetos foi o “Desertos Alimentares na Área Metropolitana de Lisboa”, que se focou na identificação de áreas onde o acesso a alimentos frescos era limitado, particularmente nas periferias urbanas. Um trabalho que foi crucial para compreender os desafios que muitas zonas da cidade enfrentam devido ao modelo de urbanização dependente do automóvel, com grandes áreas residenciais e poucas infraestruturas de proximidade. Os resultados deste estudo revelaram as dificuldades do modelo de planeamento urbano tradicional em oferecer

soluções eficazes para combater os desertos alimentares. Além deste, a professora também liderou projetos de investigação relacionados com a integração da agricultura urbana no tecido urbano, defendendo que a cidade deve ser vista não apenas como um espaço para viver, mas também como um meio de produção e consumo sustentável. Foi a partir dessas experiências e da análise dos problemas estruturais existentes no urbanismo de Lisboa que nasceu o conceito do projeto HAT. A aposta na agricultura urbana e na mobilidade sustentável, que hoje é a espinha dorsal do HAT, foi o resultado de uma visão que procurou avançar para um planeamento urbano mais integrado e resiliente, com foco na proximidade, na redução da pegada ecológica e na melhoria da qualidade de vida urbana.

### Cidades autossuficientes

A fase inicial do projeto HAT envolve a realização de um inquérito internacional para entender como diferentes comunidades e autoridades lidam com a questão dos desertos alimentares. A professora explica que, enquanto em várias cidades da Europa já existem tentativas de combater este problema, o foco do HAT está em oferecer respostas concretas que possam ser aplicadas, não só em Lisboa, mas também noutras cidades da Europa e do mundo. “O nosso objetivo não é só identificar os desertos alimentares, mas sim procurar soluções que ajudem a colmatar esta lacuna. Queremos que as cidades possam ser mais autossuficientes, com a produção local de alimentos”, afirma, remetendo ainda para o caso de Nova Iorque, onde os edifícios são transformados em espaços de produção agrícola. Segundo a investigadora, “as cidades estão completamente impermeabilizadas, nomeadamente Nova Iorque, que tem muito pouco espaço de terra, e então os rooftops, os próprios edifícios são transformados em autênticos espaços de produção agrícola”, afirmou, apontando que este tipo de solução pode ser replicado em cidades como Lisboa, de forma a combater os desertos alimentares nas áreas urbanas.

Através de um trabalho colaborativo com geógrafos, arquitetos e especialistas em marketing, o projeto pretende não só estudar a questão dos desertos alimentares, mas também desenvolver pro-



tótipos de soluções urbanísticas e de planeamento que possam ser implementados nas cidades. Teresa Marat-Mendes sublinha que, além de Lisboa, o projeto se destina a outras regiões da área metropolitana, onde o problema é particularmente pronunciado, mas que também pode servir de inspiração para outras cidades com realidades semelhantes.

De acordo com a investigadora, um dos maiores desafios que o projeto HAT enfrenta é a transição do planeamento urbano tradicional para um modelo mais sustentável e centrado na proximidade alimentar. "Nós ainda vivemos muito uma herança de planeamento dos anos 50 e 60, com uma lógica de separação dos usos do solo. Para conseguirmos uma verdadeira transição para a sustentabilidade, temos de demonstrar que outro modelo é possível", sublinha. A docente enfatiza a necessidade de envolver não só as autoridades políticas, mas também a indústria, para que as soluções propostas possam ser aplicadas de forma prática. "Temos a indústria a trabalhar conosco. Estamos nesta fase de limpar estas ideias, arrumar e depois criar protótipos", explica, revelando que o município de Lisboa é um parceiro do projeto, apoiando a iniciativa e considerando a integração das suas propostas no Plano Diretor Municipal (PDM) para promover a produção alimentar local e reduzir a dependência do automóvel.

O legado que Teresa Marat-Mendes espera deixar com o HAT é um futuro em que a produção de alimentos se torne uma prática acessível e próxima das comunidades. "Gostaria que, dentro de 15 anos, cada bairro pudesse ser parcialmente autónomo, com hortas urbanas e árvores de fruto ao alcance de todos. As comunidades deveriam ser capazes de produzir parte dos alimentos que consomem, sem depender de grandes deslocamentos", afirma. Para a investigadora, este modelo não só contribuiria para a redução das emissões de carbono, como também poderia promover dietas alimentares mais saudáveis e sustentáveis.

E, com o tempo, a mentora do HAT acredita que a população reconhecerá os benefícios de ter acesso a alimentos frescos e locais, contribuindo para a redução das emissões de carbono e para a sustentabilidade financeira das famílias.

Com o apoio de uma equipa de cerca de 20 pessoas, o projeto HAT pretende mostrar que é possível combinar a arquitetura, o urbanismo e a sustentabilidade de uma forma inovadora, tornando as cidades mais resilientes e menos dependentes do modelo de consumo atual. "A ideia é criar exemplos que possam ser replicados e que mostrem à indústria e às autoridades que estas soluções são viáveis e essenciais para o futuro das nossas cidades", conclui Teresa Marat-Mendes. ●

## DESERTOS ALIMENTARES?

- Os desertos alimentares são crescentes nas periferias urbanas, dificultando o acesso a alimentos frescos e saudáveis
- Resultam da urbanização dependente do automóvel, especialmente em bairros construídos nos anos 90 e 2000
- A falta de mercados locais obriga os residentes a percorrer grandes distâncias para obter alimentos



## O QUE É O HAT? (HYPER AGRICULTURE AND TRANSIT MOBILITY)

- Pretende integrar a produção alimentar local com mobilidade sustentável
- Suécia, Estónia e Canadá são os parceiros internacionais
- Tem a duração de três anos (2024-2028) e quer transformar cidades em espaços de proximidade alimentar, reduzindo a necessidade de deslocação
- Tem como base estudos anteriores sobre desertos alimentares na Área Metropolitana de Lisboa
- Destaca o impacto do modelo de urbanização na qualidade de vida e no acesso a alimentos frescos
- Defende a agricultura urbana como parte essencial da cidade para um consumo mais sustentável
- Inspira-se em cidades como Nova Iorque, onde rooftops são usados para produção agrícola
- Aposta na colaboração com especialistas de diversas áreas (geógrafos, arquitetos, marketing) para desenvolver soluções práticas
- Objetivo: tornar os bairros parcialmente autónomos na produção de alimentos em 15 anos
- O município de Lisboa apoia o projeto e considera integrá-lo no Plano Diretor Municipal (PDM)